

PENSADORES Y PENSAMIENTO UNIVERSITARIO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO

DARCY, O SEMEADOR (1922-1997)

Célio da Cunha

Universidade Católica de Brasília, Brasil

celio.cunha226@gmail.com

Darcy Ribeiro nasceu na cidade de Montes Claros, Estado de Minas Gerais, em 26 de outubro de 1922. Escrever sobre ele configura-se como uma tarefa de inegável complexidade. Sua obra é extensa tanto no plano intelectual de investigações e reflexões quanto no plano de ações e de lutas políticas para a concretização de seus sonhos e utopias. Tinha várias peles como ele mesmo reconhecia. Constituía, na observação de Gomes, “uma pluralidade de seres em apenas um” (2010, p.11). Continua Gomes: “Ao longo de sua vida vestiu várias delas, algumas ao mesmo tempo: foi pelo menos educador, antropólogo, indigenista, escritor de ficção e político” (p.11). Pela abrangência e profundidade de seu pensamento, sua obra está a merecer uma larga investigação pela riqueza e originalidade que encerram.

Concluiu seus estudos superiores em Antropologia pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1946, instituição pioneira para o avanço das ciências sociais no Brasil. Formado e com visão destemida do futuro e sob a inspiração de Rondon, passou 10 anos com os povos testemunhos, investigando-os a fundo e compreendendo o alcance de suas contribuições civilizatórias. Esta vivência investigativa com a cultura indígena tornou-se relevante para a sua concepção de educação fundada numa visão antropológica de igualdade, valorização da diversidade e desenvolvimento humano. Como escreveu Darcy, na colonização brasileira, não foram os ouros afanosamente buscados e achados os produtos mais importantes. Mas foi um povo-nação de índios e negros, plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplicou prodigiosamente, à espera de seu destino (Ribeiro, 1995). Por isso, seu eterno sonho era o de mudar a composição das classes sociais do país que não poderia ser representada por um triângulo, com um nível superior, um núcleo e uma base. Na realidade, dizia Darcy, elas configuram um losango, com um ápice finíssimo,

de pouquíssimas pessoas, e um pescoço que se vai alargando até converter-se num funil invertido em que está a maior parte da população, marginalizada da economia e da sociedade(Ribeiro, 1995).

A visão antropológica de educação de Darcy teve um desfecho estruturante em sua trajetória no encontro com Anísio Teixeira ao tempo em que este pensador da educação dirigiu o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais(INEP). Como ele mesmo declarou em sua autobiografia, foi para a educação pelas mãos de Anísio Teixeira. E passou a ter uma dupla paixão: os índios e a educação pública. Considerava-se discípulo de Anísio, que o nomeou diretor da Divisão de Estudos Sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais(CBPE) em 1959. Percebeu que pelos caminhos da educação poderia reparar injustiças e inverter o losango das desigualdades. Em 1959, o presidente Juscelino Kubitschek encarregou-o de conceber e planejar a Universidade de Brasília, missão que abraçou com rara tenacidade, até a sua aprovação final em dezembro de 1961.

No projeto da Universidade de Brasília, que contou com a colaboração de Anísio Teixeira e vários intelectuais que foram consultados, Darcy enfrentou hostilidades rancorosas e poderosa oposição, sobretudo da elite intelectual mais conservadora e do professorado universitário mais reacionário(Ribeiro, 1978). O plano da UnB revestia-se de ousadia e inovação. Veio prover, dizia Darcy, os meios para desencadear um vigoroso movimento de reforma universitária. Partia de um diagnóstico objetivo e de severa e inédita autocrítica. Oferecia um plano alternativo de organização racional da universidade que deveria funcionar como uma tábua de contrastes, permitindo à comunidade universitária brasileira ver-se a si mesma com objetividade. A ideia era criar uma universidade que no lugar de apenas refletir o atraso cultural e a desigualdade social, antecipasse, no que fosse possível, a sociedade avançada e solidária que deveria ser o amanhã. Como instituição, afirmava Darcy, a universidade é o útero onde se geram as castas dirigentes e servidores intelectuais. Por isso, imaginou uma universidade que viesse a ser a melhor possível no plano científico e cultural, mas também uma universidade que, no plano social, não fosse apenas uma instituição de qualificação classista, uma escada de ascensão social para as classes médias. Ela não poderia ser uma fábrica de médicos para cuidar da saúde dos ricos, de advogados para dirimir seus conflitos, de economistas para gerir seus bens, de dentistas para cuidar de seu sorriso. O alvo da nova universidade deveria ser, sobretudo, formar médicos de olhos postos na saúde pública ou legisladores para as grandes reformas institucionais reclamadas há séculos ou ainda formar economistas para buscar a fórmula de uma prosperidade generalizável. Em suma, uma universidade pensada para ser um centro nacional que ajudasse a amadurecer uma consciência crítica capacitada a ver o país como problema e a buscar as linhas de ação que permitissem ao povo realizar suas potencialidades secularmente coactadas(Ribeiro, 1978).

Com Darcy Ribeiro nomeado Reitor e Anísio Teixeira, Vice-Reitor, o ambicioso projeto da UnB partiu para a realização dessa ousadia, atraindo para o seu quadro docente dezenas de cientistas, pesquisadores e sábios reconhecidos e consagrados que acreditavam na possibilidade de fundar uma instituição inovadora à altura dos desafios do país. Deixou a Reitoria para ser nomeado, em 1962, Ministro da Educação e no ano seguinte, Chefe da Casa Civil do Governo Jango Goulart que liderava a esse tempo amplo debate sobre as reformas de base que incomodavam a direita

conservadora. Lamentavelmente, o golpe militar de 1964 interrompeu essa utopia possível. A UnB foi invadida em abril de 1964, seguindo-se a diáspora docente. Foram inúmeros os professores que se demitiram ou pediram demissão. É possível afirmar de acordo com Helena Bomeny(2016), que a Universidade de Brasília nasceu de um sonho e de um propósito de reparação. Um sonho de reparação ao destino que fora dado à Universidade do Distrito Federal pensada e criada por Anísio Teixeira em 1935, e encerrada após duração efêmera pela ditadura do Estado Novo. Darcy seguiu para o exílio no Uruguai, onde permaneceu de 1964 a 1968. Em 1968 ele voltou ao Brasil. Os processos contra ele haviam sido anulados pelo Supremo Tribunal Federal. Mas com a promulgação do Ato Institucional nº 5, que fechou o Congresso Nacional e suspendeu direitos político ele foi preso e durante 9 meses permaneceu encarcerado. A Universidade de Brasília foi novamente invadida. Liberado, seguiu para a Venezuela em seu segundo exílio.

No Uruguai que o acolheu de braços abertos na Universidade de La República, seguiu seu destino sempre com a mesma intrepidez. Nessa Universidade, foram inúmeras as suas atividades e pesquisas, destacando-se entre elas a produção de “uma série de livros sobre o processo de formação dos povos, sobre as causas de seu desenvolvimento desigual e sobre as perspectivas de auto superação que se abrem aos mais atrasados”(Ribeiro, 1975a, p.1). Chamava a atenção para a importância de se proceder a uma revisão crítica das teorias da evolução sociocultural e propor um novo esquema de desenvolvimento humano(Ribeiro, 1975a). Com essa perspectiva, destacava a importância da integração dos povos da América Latina:

Nosso destino é nos unirmos com todos os latino-americanos por nossa oposição comum ao mesmo antagonista, que é a América anglo-saxônica, para fundarmos, tal como ocorre na comunidade europeia, a Nação Latino-Americana sonhada por Bolívar(Ribeiro, 1995, p. 448).

No Uruguai, de acordo com Coelho(2002), organizou também o Seminário sobre Estruturas Universitárias com a participação de vários professores, inclusive Angel Rama, que com ele colaborou em várias projetos. Das Conferências Introdutórias ao Seminário surgiu o livro “A universidade necessária”, obra que expõe linhas fundamentais de seu pensamento sobre a universidade na América Latina. Com fundamentos estatísticos sobre a evolução da universidade na América Latina, mostrou e demonstrou que a universidade latino-americana ficou para trás, mesmo contando com uma tradição universitária própria e secular, deixou-se colonizar. Critica a mentalidade elitista das universidades da região que optaram por uma estrutura federativa, profissionalizada, rígida, autárquica, estagnada, duplicadora, autocrática e burocrática(Ribeiro, 1975b). Daí a urgência de reexaminá-la criticamente. Como ele escreveu,

Tudo isto indica a necessidade de rever o envelhecido ideário reformista e de substituí-lo por um outro projeto de renovação institucional da universidade, tão significativo para a geração atual quanto foi o Manifesto de Córdoba para a geração dos últimos cinquenta anos(Ribeiro, 1975b, p. 125-126).

Semeando ideias para a reforma da universidade latino-americana e para uma compreensão mais ampla da América Latina, Darcy Ribeiro continuou seu exílio seguindo para a Venezuela, Chile

e Peru. Na Venezuela, na esteira da pesquisa de Adriane Costa(2022), permaneceu um ano a convite a Universidad Central de Venezuela, período em que elaborou seu diagnóstico sobre a Universidad Central de Venezuela, propondo reformas que iam além da reorganização da carreira docente; em 1971 partiu para o Chile para contribuir com pesquisas e ajudar na reestruturação da Universidade do Chile. Nesta etapa de sua trajetória conheceu e assessorou o Presidente Salvador Allende, que pretendia fazer a transição do capitalismo para o socialismo; em 1972 foi para Lima, no Peru, com a missão de elaborar estudos sobre a reestruturação do sistema universitário do Peru. Concebeu e dirigiu um projeto vinculado à Organização Internacional do Trabalho(OIT) e ao Centro de Estudios de Participación Popular(Centro), ocasião em que liderou a organização de uma rede de intelectuais e colocou ideias inovadoras e transformadoras em circulação em um contexto de reformas estruturais elaboradas pelo governo de Velasco Alvarado(Costa, 2022).

Em sua pesquisa, Adriane Costa sublinha um aspecto importante da trajetória intelectual e política de Darcy Ribeiro. Mostrou que ele elegeu a América Latina como horizonte problemático no transcorrer de seu período no exílio(1968-1976), ocupando lugar central nos debates intelectuais sobre a região. Para tanto, estabeleceu conexões com redes intelectuais, o que lhe permitiu elaborar uma representação da América Latina condensada em uma série de imagens e hipóteses sobre os impasses, contrastes e desafios da região. Chegou mesmo a afirmar que descobriu a América Latina no exílio. Descobriu e estudou-a em profundidade. Os seus livros publicados no exílio foram objeto de edições argentinas, mexicanas, venezuelanas, uruguaias, italianas e inglesas(Costa, 2022).

Em 1976 retorna ao Brasil. Mesmo com a saúde sob risco devido a um câncer diagnosticado em 1974, continuou suas atividades intelectuais e políticas com obcecado ritmo. Anistiado, passa a integrar o quadro docente e de pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com a eleição de Leonel Brizola, em 1982, para Governador e de Darcy Ribeiro para Vice-Governador, teve início a “ação verdadeiramente transformadora no campo da educação, com amplitude e profundidade jamais alcançadas na história do país”(Ribeiro, 1986, p. 19), que se materializou com a implantação gradual de 500 Centros Integrados de Educação Pública(CIEPs), arrojada experiência com sólida fundamentação teórica e auspiciosa vertente pedagógica que permitiu por alguns anos o desenvolvimento de uma política de educação de tempo integral reparadora e de qualidade.

Eleito Senador da República em 1990, Darcy, apesar do estado crítico de sua saúde, ainda encontrou forças para levar avante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional(LDB), aprovada e sancionada em 1996 na Presidência da República com a sua presença numa cadeira de rodas. A Lei Darcy Ribeiro abriu muitos horizontes e, apesar das muitas emendas que foram feitas ao longo de sua vigência, continua em vigor até hoje. Faleceu por uma falência múltipla dos órgãos, em 17 de fevereiro de 1997, aos 74 anos de idade, legando à América Latina e ao Brasil inesgotáveis contribuições nos planos intelectual, político e de ações transformadoras.

Referências

- Bonemy, H. (2016) Universidade de Brasília: filha da utopia de reparação. *Revista Sociedade e Estado*. v. 3, Número Especial Sociedade e Estado 1986-2016, pp. 2003-2028. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/V839qMfXzq8gMNBTPqHSfr/?format=pdf&lang=pt>
- Coelho, H. (2022) *O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai*. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/administrador,+v9-n.1-2002-20+-+O+ex%C3%ADlio%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/administrador,+v9-n.1-2002-20+-+O+ex%C3%ADlio%20(2).pdf).
- Gomes, C. *Darcy Ribeiro*. Coleção Educadores MEC-Unesco. Recife: Fundaj, 2010.
- Ribeiro, D. (1975^a) *O processo civilizatório*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Ribeiro, D. (1975^b) *A universidade necessária*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ribeiro, D. (1978) *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir Editora.
- Ribeiro, D. (1986) *O livro dos CIEPS*. Rio de Janeiro: Bloch.
- Ribeiro, D. (1955) *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vidal Costa, A. (2022) *Darcy Ribeiro no Uruguai, Venezuela e Peru – exílio, redes intelectuais e circulação de ideias (1964-1976)*. Disponível em: <https://shial.colmex.mx/wp-content/uploads/2022/02/Adriane-Vidal.pdf>.

Sobre el autor

Célio da Cunha, é Doutor em Educação pela Unicamp e Pós-Doutor pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Lisboa. Professor da Faculdade de Educação da Universidad de Brasília (aposentado). Professor Titular da Universidade Católica de Brasília e Professor colaborador da Universidade Lusófona (CEIED). Foi Superintendente de Ciências Humanas e Sociais do CNPq e Diretor de Políticas de Educação do MEC. Integra o Conselho Editorial de várias revistas acadêmicas e tem livros e artigos publicados.